

Cartilha Pescarte: Uma Jornada Entre Mares

Pesca Artesanal, Cultura e Arte em Florianópolis



Coordenadores:

Carlos Eduardo Verzola Vaz
Leticia Mattana

Autoria do Ebook:

Sara Dotta Correa
Emanuele de Castro Nascimento
Gabriela Peglow Harthmann

Diagramação:

Emanuele de Castro Nascimento
Gabriela Peglow Harthmann

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro Tecnológico
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Grupo de Modelagem Avançada UFSC / GMA UFSC
e-mail: gmaufsc@gmail.com

Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima
Florianópolis - SC | CEP 88040-900

Apoio:



Cartilha Pescarte: Uma Jornada Entre Mares

Pesca Artesanal, Cultura e Arte em Florianópolis

Sumário

introdução	06	a paisagem da pesca artesanal	32
a pesca artesanal	09	paisagem cultural	36
a praia	12	patrimônio imaterial	37
o rancho de pescador	16	pântano do sul	40
as redes	17	anexos	
as bandeiras	20	estudo: plasti[cidade]	44
as embarcações	25	referências	80
a pesca está desaparecendo da orla?	28		

introdução

A PESCA ARTESANAL ESTRUTURANDO ESPAÇOS

A atmosfera dos espaços urbanos espacializa cotidianos diversos. No caso da cidade de Florianópolis, a pesca artesanal é uma arte e tradição local de Florianópolis e tantas outras cidades litorâneas catarinenses, sendo parte importante da cultura local e fortemente ativa na orlas dos balneários da cidade, como é o caso do Pântano do Sul.

Esse projeto de extensão em parceria com o SeCArte/UFSC, teve por objetivo contribuir para a preservação e valorização dos núcleos pesqueiros de Floripa, considerando aspectos da dinâmica de vida da comunidade, suas tradições e suas relações para com a sociedade. Por meio da análise das relações que a

pesca artesanal estabelece com a cultura local, a paisagem e os espaços públicos foram desenvolvidos conteúdos que são parte desse e-book.

A metodologia envolveu entrevistas, grupos focais, filmagens, fotografias, e ainda uma oficina aberta a comunidade! Usamos a tecnologia a nosso favor, por meio de drones que capturaram imagens de alta resolução, usados posteriormente em modelagem 3D. Documentamos tudo que há nos espaços e os elementos que fazem parte de uma comunidade pesqueira, no Sul da Ilha, o Pântano do Sul.

Assim, nosso grupo se integrou a estudantes de mestrado e de iniciações científicas, Doutorado e outros Professores, que estudam

a cartilha pescarte

a pesca artesanal no litoral de Santa Catarina, formando uma rede de pesquisadores voltados ao tema, disseminando a informação e preservando a cultura nativa da ilha.

O grupo PescArte surgiu como uma ação voltada para a Arte e Cultura vinculada ao Grupo de Pesquisa em Modelagem Avançada (GMA/UFSC), da Universidade Federal de Santa Catarina, curso de Arquitetura e Urbanismo. Traz em seu nome a Pesca e a Arte, palavras que simbolizam a essência das orlas catarinenses. Dentre outras atividades, o grupo desenvolve estudos e debates sobre os espaços de pesca artesanal em Florianópolis. O projeto é resultado de uma parceria com o SeCArte/UFSC com o incentivo de uma bolsa cultura.

A presente cartilha foi criada como forma de reunir parte do conteúdo produzido pela equipe PescArte no período 2020 à 2021. Ela abriga arte em forma de textos, poesias e fotografia, e busca levar o leitor de encontro a arte da pesca artesanal, explicando seus elementos, espaços, dificuldades e tradições.

O PescArte faz parte da extensão denominada “A pesca artesanal em Florianópolis: conexões entre paisagem, cultura e espaços públicos” e busca a valorização das comunidades pesqueiras, dando voz e direcionando olhares para esses espaços, muitas vezes esquecidos.



a pesca artesanal

A TRADIÇÃO COMO FORMA DE ARTE

A pesca artesanal tem um papel muito importante na identidade de Florianópolis e se espacializa ao longo das inúmeras praias e paisagens litorâneas da cidade entrelaçada à história de seus habitantes e da cidade. Em função da grande extensão costeira, a pesca se tornou uma atividade muito praticada desde o início da ocupação do litoral catarinense, isto é, a partir do século XVII até os dias atuais, sendo ainda uma atividade muito significativa na economia local.

Muito além de uma ação de captura e atividade econômica, a pesca artesanal também existe como herança de gerações de famílias do litoral. Quando encontrar um pescador, pergunte “quem te ensinou a pescar?” e você muito provavelmente terá como resposta que foi algum familiar e de quebra uma história para ouvir.

A prática da pesca é um saber passado geração a geração das famílias, os membros mais novos vão se aproximando desde pequenos, no início observando na areia da praia as embarcações partirem e retornarem com a pescaria. Também observam-se outras atividades relacionadas, como a confecção de redes, o tratamento do pescado, a manutenção dos equipamentos e embarcações. Conforme crescem, os membros são introduzidos inicialmente às atividades que dão suporte à pesca, até terem idade suficiente para serem levados para o mar. A partir daí, realizam as pescarias, acompanhados por alguém, até terem independência e conhecimento suficientes para trabalhar sozinhos. Esse conhecimento se concretiza principalmente pela observação, por explicações dos mais experientes e a prática, que é feita geralmente entre familiares, pais e filhos.

Os saberes da pesca artesanal podem ser intitulados saberes tradicionais e abrangem conhecimentos acumulados por muitos anos e repassados pelos mais antigos, junto a observações e o entender da natureza. São conhecimentos de ventos, nuvens, marés e cardumes que fazem parte da memória coletiva dessas pessoas. Estes ensinamentos são transmitidos pelas comunidades, segundo a autora Gerber (2015), de uma forma circular e que se renova continuamente, por meio da troca de aprendizados entre as pessoas que ali estão e fazem parte do cotidiano da pesca no local.



Fig. 1: pescadores em na orla da praia arrumando redes ao por do sol. Créditos: Equipe PescArte.



“
sonho eterno
sono eterno
mar amigo
meu amigo
mar
conhecedor
conhece a dor
que encanta
meu canto
abarca
meu barco
aquieta e ilude
inquieta
imensidade
de sentir-se só
imensidão
de ser seu.”

Poesia por Sara Dotta, 2020.
Fig. 2: praia da Armação do Pântano do Sul.
Créditos: Bruna Soccal.

a praia

A PORTA PARA O MAR

A pesca se estabelece no espaço em função do mar (ou do rio), que é a porta de entrada para o sustento do pescador e também o ponto de chegada depois de cada pescaria. Quando localizadas em praias, as comunidades pesqueiras tendem a concentrar seus equipamentos em regiões mais próximas dos costões das praias, em locais protegidos dos ventos e das ondas mais fortes.

É na paisagem que o pescador interage com si mesmo e com os outros, é o local que habita, ora na areia, ora no mar. A areia da praia faz a ponte entre a terra firme e o imponente mar. É palco de saídas e chegadas, algumas felizes, de uma pescaria de sucesso, outras nem tanto, com redes vazias.

Antes de serem balneários turísticos, a maior parte das praias de Florianópolis eram núcleos pesqueiros, desta forma, a pesca artesanal espacializou as dinâmicas nas orlas ao longo da história.

A paisagem pesqueira pode ser facilmente reconhecida em uma orla. No mar, os barcos fundeados e na areia algumas das embarcações ficam estacionadas, quando não estão em uso, e também outros equipamentos como redes, âncoras, caixas de peixe, na ausência de ranchos de pesca para guardar. Também podem existir ranchos, que falaremos a seguir.

A orla da praia serve muitas vezes como espaço para a comercialização direta do pescado, onde moradores e turistas tentam contato direto com pescadores para a compra do peixe fresco. Mesmo assim, a maior parte da venda dos pescados é feita diretamente para peixarias, restaurantes e o Mercado do Peixe.

Em tempos de alta temporada o espaço da faixa de areia das orlas é disputado entre os banhistas e pescadores. Os pescadores precisam do local para abrigar as embarcações em tempos de mar brabo e ressaca, já a presença dos banhistas é importante para a economia local, como restaurantes, redes hoteleiras e etc. Nesses momentos a paisagem de pesca se torna incômoda aos olhos de muitos.



Fig. 3: praia do Pântano do Sul.
Créditos: Equipe PescArte, 2020.

“ Questionei o meu olhar, (na praia)
Disse para deixar só (meu traço)
Aquilo que desenha (contorna.)
A elevação e a perspectiva (única)
Do que me é estranho (dúvida,)
E não reflete em mim. (hoje)
Já não era meu, nem eu (sou)
Virei, vi, vivi, (um)
Desenho (rabisco)
Da criança no recreio. (nosso)
Pintada eu, (ou uma)
Da sua cor, me faço (arte)
Paisagem (encontrada)
Nossa. (só?) ”

Poesia por Sara Dotta, 2020.

Fig. 4: Gaivotas e ranchos de Pesca, praia de Garopaba. Créditos: Equipe PescArte, 2019.



o rancho de pescador

O ABRIGO

O rancho é aquela casinha modesta que pousa sobre a areia da praia, de madeira, que já sofreu com o tempo e tem a aparência envelhecida, mas tem uma vista fascinante para o mar. Essa casinha que se repete nas praias litoral afóra, materializa parte do trabalho do pescador no espaço, pois é onde guarda seus equipamentos de trabalho, suas embarcações e suas histórias.

Os ranchos são de uma simplicidade arquitetônica, possuem um característico telhado de duas águas e generosas portas para abrigar embarcações nos períodos entre as safras. Esses ranchos possuem uma grande importância na vida cotidiana do pescador, pois guardam redes, cestos, cordas, alguns possuem cozinha e espaço para limpeza do pescado, são verdadeiros espaços de apoio ao ofício da pesca. Funcionam também como centros de vivência dos trabalhadores, pois abrigam também conversas, trabalho, brincadeiras, conhecimentos e histórias de pescadores que chegam e dos que aguardam a sua hora de ir para o mar.

O Rancho de Pesca Cultural ou Rancho do Seu Getúlio, na praia do Campeche, é um exemplo da riqueza e da resistência representada nesses espaços. O local, que está há mais de 70 anos na orla, já deu lugar, além das atividades corriqueiras da pesca, a diversos eventos vol-

tados à comunidade, como aulas de música, cursos de formação de remadores de canoa, exposições de fotos e artesanatos e até um Cineclube. Lá também é lar da Associação de Pescadores Artesanais do Campeche, órgão que representa os pescadores dessa região.

Assim como a pesca artesanal, aos poucos os ranchos estão sumindo das paisagens das orlas. O crescimento do turismo e a valorização desses espaços, contribuíram para que as orlas, que antes eram refúgio de famílias humildes e que faziam do mar seu meio de vida, se transformarem em lugares gentrificados. Os restaurantes, hotéis e casas de veraneio vêm cada dia mais tomando esses espaços.

Os ranchos guardam uma rede infinita de saberes do homem com o mar, quando você estiver passeando por uma orla e avistar um rancho, tente vê-lo como mais do que uma casinha de madeira caidinha, e sim um centro cultural, ancestral e imaterial por trás de suas portas. Tente imaginar as histórias que por ali já aconteceram e já foram contadas.

Fig. 5: rancho de pescadores do de Garopaba.
Créditos: Equipe PescArte, 2020.



as redes

As redes de pesca materializam a ação da pesca, trabalham junto do pescador com as extensões de suas mãos, articulando a captura do pescado. Para quem passa e vê, podem parecer só um emaranhado de nós e fios deitados na areia da praia, mas a verdade é que as redes são conduzidas mar adentro, submergidas pelo pescador e um tempo depois recolhidas, trazendo - ou não - a pescaria. Esses objetos acompanham o pescador durante todo o pescar, retornando para a terra ao fim de um dia de trabalho.

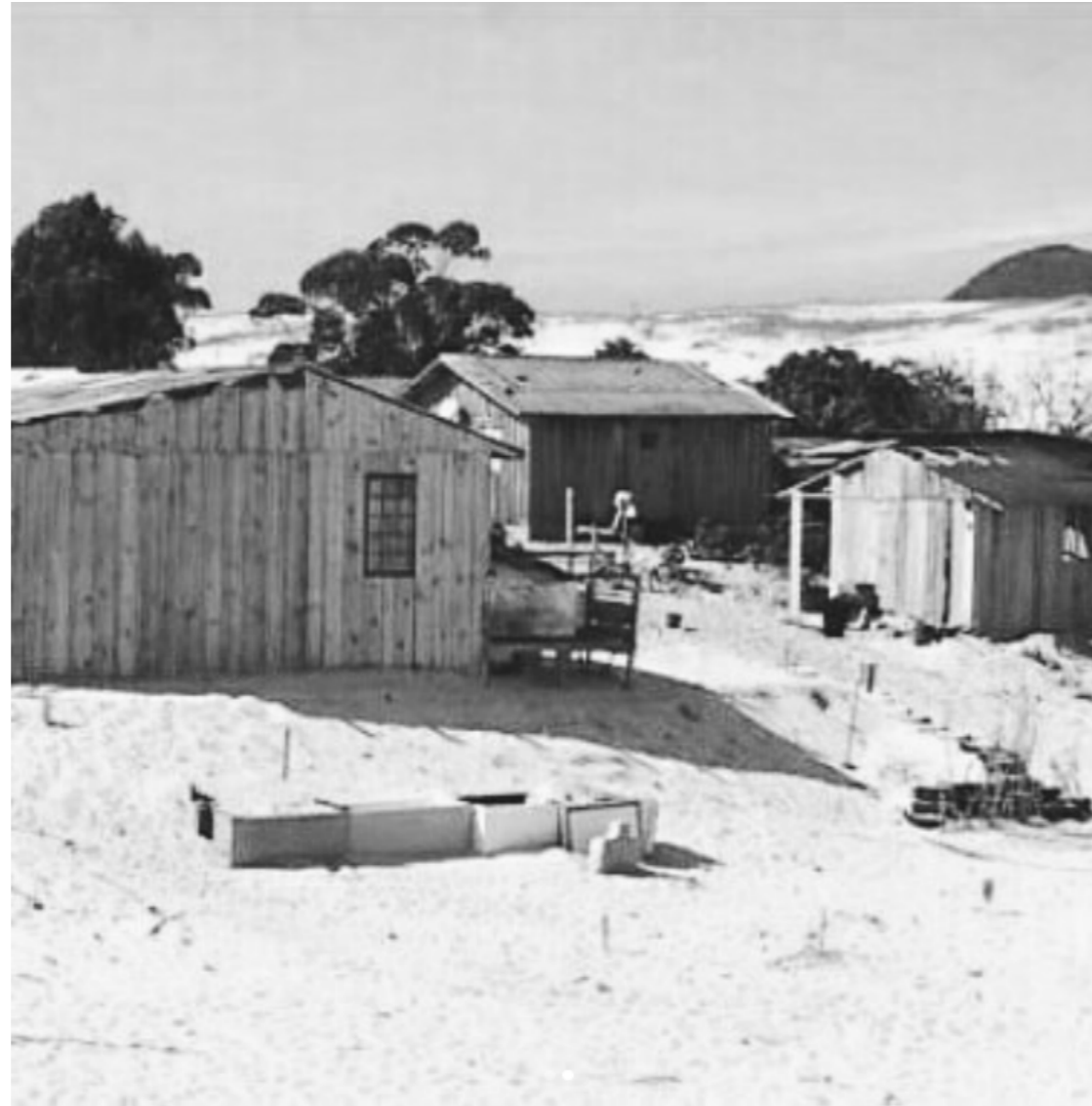
O tecer das redes é artesanal, feito com as mãos do início ao fim. Tem suas medidas com relação ao corpo do redeiro, como braços e palmos, que constrói com a ajuda de agulhas de madeira ou plástico. Uma atividade feita com mãos ágeis e movimentos astutos no ar, onde a agulha passa por trás e depois pela frente dos fios, um nó é armado e com um puxão o braço é apertado, o deslizar entre as cordas sopra um som, como quem diz que o nó está feito, e assim, nó após nó, metros de rede são feitos.

Hoje em dia é difícil avistar um artesão das redes fazendo seu trabalho, os redeiros costumavam costurar redes em praças e beiras de praia, onde teciam em conjunto, dividindo uma árvore para apoiar as redes, histórias e aos olhos da comunidade.

Atualmente, este profissional, além de escasso, tem se contido nos muros de suas residências. Assim, o trabalho cruza o limite do lar e se mescla com o cotidiano da família, a noite depois de um dia de trabalho, o redeiro enche suas agulhas, em frente a tv ao lado de seus familiares. É mais uma vez a pesca se mostra um conhecimento passado junto ao convívio, de pai para filhos.

Fig. 6: redes de pesca com bóias do Pântano do Sul.
Créditos: Equipe PescArte, 2020.





“
Logo logo eu também tô indo,
pra baixo da areia
ou pra beira
do mar.”

Especial “Dando Voz”

Voz: Dona Lenir.

Moradora da comunidade Vila do
Arvoredo (Inglese, Florianópolis)

Poesia por Sara Dotta, 2020.

Fig. 7: ranchos de pesca nas dunas dos Ingleses.
Créditos: David Sadowski.

as bandeiras

ENTRE MARES, BRISAS E LIMITES

As bandeiras são elementos da pesca menos conhecidos, mas que você irá notar nas paisagens a partir de agora. Tratam de pedaços de tecidos que são costurados em uma das extremidades de pedaços longos de bambu, na outra extremidade é colocado um peso (às vezes com uma base de concreto feita em uma forma ou um ferro) e ao meio, uma boia ou isopor. Quando colocado no mar fica parte submerso, devido ao peso, o isopor demarca a porção que ficará para fora da água e sobre tudo fica hasteado o tecido, que dança conforme os ventos sopram.

Esses objetos peculiares são muito importantes em algumas modalidades de pesca e servem como forma de demarcar onde estão submersas as redes de determinado pescador. Quem delimita os territórios de cada pescador no mar? Logo o mar, tão livre, imprevisível e difícil de controlar? As bandeiras! Elas são dispostas junto a rede espaçadamente e boiam sinalizando que aquele espaço, naquele período, está sendo usado por algum pescador, que é identificado a partir cor da bandeira,

As bandeiras são geralmente fabricadas pelos próprios pescadores ou familiares, uma de nossas conversas o pescador Manoel nos contou sobre a confecção de suas bandeiras. Em seu caso, são bandeiras vermelhas “*eu gosto de vermelho, por que dá pra ver de longe que eu tô ali*”, e são costuradas por sua esposa com a ajuda de sua filha. Depois de costuradas em sua casa, são levadas para o espaço onde ele armazena redes, são fixadas em um bambu de em média cinco metros e concretadas por ele e a filha, usando um galão de água como molde, “*eu chamo minha menina para ajudar, mais atrapalha que ajuda, mas ela gosta de brincar*”. Mais uma vez a pesca se mostra como uma prática enraizada nas famílias dos pescadores e transcende os limites do trabalho.

“[...]o mar aparentemente não tem dono, não tem cercas. É possível afirmar que há uma complexidade alusiva aos muitos territórios que são sinalizados e que, portanto, mostram para os que ali circulam quem é o dono daquele ponto. A delimitação e a sinalização desses territórios, embora sejam migrantes e se desloquem de acordo com a época do ano, são marcadas pelas bandeiras.”

(GERBER, 2015. p143)

Fig. 8: embarcações e bandeiras do Pântano do Sul. Créditos: Equipe PescArte, 2020.



“
em meio as cores do dia,
te dei minha simpatia,
tambem dei ponto sem nó,
dei nó,
de nós. ”

Poesia por Sara Dotta, 2020.
Fig. 9: pescador remendando rede na Barra da
Lagoa. Créditos: autores.





as embarcações

LEVAM E TRAZEM DO MAR

A BATEIRINHA

Robert (2001) caracteriza bateirinhas como embarcações pequenas confeccionadas de madeira ou compensado que possuem fundo plano, proa bicuda e popa reta. São pequenas e quase sempre sem motor, sendo propulsionadas a remo. São muito utilizadas como embarcações complementares que levam pescadores até embarcações maiores que ficam fundeadas no mar, por isso são muito vistas nas orlas na areia.



As embarcações permitem que o pescador adentre o mar, podendo estender a pesca para além do que seria alcançável com seus corpos na costa, atingindo outras espécies e possibilitando uma captura mais eficiente. São grandes companheiras dos pescadores, os levando de mar a fora a cada pescaria e os trazendo de volta para casa.

O Brasil tem uma grande diversidade em sua frota naval ao longo de sua costa e rios, e segundo o Iphan, constitui a maior variedade de barcos tradicionais do planeta, patrimônio que é utilizado por populações costeiras e ribeirinhas, integrado a um imenso contexto de festas, tradições, conhecimentos e trabalho.

Parte dessa frota naval é preservada e exibida no Museu Nacional do Mar - Embarcações Brasileiras, criado em 1991 na cidade de São Francisco do Sul. O acervo do museu contém cerca de 70 embarcações reais, além de modelos de barcos em escala, equipamentos históricos da pesca e cenários interativos, que contam a história da pesca artesanal. Dos tipos de barcos, os avistados no Pântano do Sul serão abordados a seguir.

A BALEEIRA

A baleeira ou canoa baleeira é um tipo de embarcação trazido pelos imigrantes açorianos em meados do século XVIII, foi muito utilizada na captura de baleias, mas atualmente é mais usada para a pesca artesanal ou transporte de turistas. Esta embarcação tem seu casco sinuoso, com o fundo em “v” e sua popa e proa finas.

Segundo Dalmo Vieira Filho, no Papo Cultural 4, esse barco está desaparecendo, pois se tornou difícil e caro para o pescador mantê-lo. Ele não se adapta perfeitamente aos ranchos, volumes de carga e motores mais potentes que existem atualmente no mercado, que não foram feitos para o casco sinuoso da baleeira. Neste caso, a especificidade da produção cultural, corre risco de perder função e ela vai ser substituída, porque o que está em jogo é a subsistência.

O BOTE

O Bote é um pequeno barco auxiliar, de cerca de 2 a 3 metros de comprimento, utilizado de forma coletiva, em geral para adentrar o mar e, por fim, alcançar a embarcação maior ancorada.



Fig. 10: pescador saindo do canal para Mar afora na praia de Balneário Camboriú. Créditos: Equipe PescArte, 2020.

Fig. 11: bateirinha e baleeira do Pântano do Sul. Fonte: Créditos PescArte, 2020.



“ Brisa, brisa,
vais e vens e fazes onda,
de crista longa.
Ah, vento! Porque levas todos embora
no fim de cada estação?
Mar, mar,
assim acabas sem demora,
como um romance de verão. ”

Poesia por Sara Dotta, 2020.
Fig. 12: praia do Santinho. Créditos: Bruna Soccal.

a pesca está desaparecendo da orla?

É comum ouvir nos grupos de pescadores “a pesca vai acabar”. Mas o que eles querem dizer com vai acabar? Ocorre que os pescadores relatam diversas dificuldades, além de um sentimento de desvalorização constante para com sua tradição e profissão.

A menor disponibilidade de peixes na costa é um dos fatores que dificultam a manutenção da pesca artesanal, que muitas vezes conflita diretamente com a pesca industrial. Na industrial, os barcos têm maior potência em seus motores, bem como capacidade de armazenamento, congelamento e possibilidade em longas viagens para captura do pescado. E por muito tempo, visando a maior relevância econômica, a pesca industrial recebeu mais incentivos e atenção por parte do estado.

Pereira (2001), através de entrevistas, constatou a redução da produção do pescado na região do Pântano do Sul devido a aproximação de grandes embarcações de pesca industrial, que se posicionavam na entrada da enseada a fim de recolherem iscas para a pesca do atum, prejudicando diretamente os pescadores artesanais, diminuindo as safras e atrapalhando a reprodução dos cardumes.

A prática da pesca em si já é uma atividade sofrida, quando se pensa nos riscos que são enfrentados no mar, os dias de tempestade, o medo, o balanço das ondas e as incertezas se terá ou não pescaria, são vivências contínuas da vida de um pescador. Quando pergunta-se para um pescador “*you want your son to be a fisherman?*”, na maior parte das vezes se ouve um “não” como resposta. De um modo geral encontram-se cada vez menos jovens em meio aos pescadores.

Além dessas dificuldades, nota-se um sentimento de desvalorização. Em uma conversa com a equipe PescArte, um pescador do Pântano do Sul expressava indignação em relação às restrições que estavam sendo impostas pelo poder público, quanto à captura de espécies e equipamentos de pesca permitidos “*é como se para eles, o pescador artesanal estivesse acabando com a cadeia*”, relatou aborrecido. A permanência dos barcos na areia da praia também é um assunto que causa atrito entre o poder público e os pescadores em algumas praias de Florianópolis.



Fig. 13: âncoras sobre a areia do Pântano do Sul.
Créditos: Equipe PescArte, 2020.

“
Senta aqui do meu lado,
vem descobrir,
porque foi por ti,
que deixei de partir.
Já era chegado o tempo
que fazias soprar meu vento
e me apontavas um novo norte,
brincando com minha sorte.
Comecei a te ouvir, mar,
deixei de te fazer o meu lar,
segui até nossa última viagem,
agora só te vejo de passagem.
Sem medo, mar amigo, nem dó,
vem comigo
ser pra sempre,
um só? ”

Poesia por Sara Dotta, 2020.

Fig. 14: Barra da Lagoa. Créditos: Equipe PescArte, 2020



a paisagem da pesca artesanal

LEITURA DA PAISAGEM

A interpretação da paisagem é um exercício importante na formação de um arquiteto e urbanista. Ela permite a captação de elementos da paisagem além dos físicos e quantitativos, mas das vivências e peculiaridades de cada lugar. A leitura da paisagem é algo pessoal, duas pessoas dificilmente farão o mesmo diagnóstico de um espaço, pois ela correlaciona além dos elementos visuais, as bagagens e experiências antecedentes do leitor. Além disso, uma paisagem nunca será a mesma, seja pelas condições de tempo, pelas transformações do espaço por influência do homem ou pelos presentes no local.

“[...] o leitor crítico da paisagem não deverá se limitar à observação dos elementos estáticos da paisagem deverá sim, incorporar à sua leitura os elementos dinâmicos, que compõem o espaço geográfico. A vida que anima a paisagem e que está presente no momento da observação sofre influências do espaço produzido, ao mesmo tempo em que influencia na produção do espaço.” (VIEIRA, 2010)

Na entrevista para o Papo Cultural, o professor convidado Dalmo Vieira, expressa a importância de teorizar a leitura da paisagem, mas de forma que não trace limitações para quem faz a leitura. “*Eu diria, portanto, que é importante teorizar, mas não se deve colocar a teoria na frente da prática, como algo impeditivo, mas sim união entre teoria e prática, junto de uma reflexão.*” Cada paisagem possui suas características físicas, práticas, vivas a serem sentidas.



Fig. 15: paisagem tradicional do Pântano do Sul.
Créditos: Equipe PescArte, 2020.



“ o quintal do meu lar
é o mar,
o caminho que aprendi a andar
leva pro mar,
existo e vou me doar,
para o mar,
e de todo o jeito e sempre
ao meu modo, quero
ter certeza que há mar,
porque onde decidi morar. ”

Poesia por Sara Dotta, 2020.

Fig. 16: rua de Governador Celso Ramos, ocupação do espaço costeiro. Créditos: Equipe PescArte, 2020.

paisagem cultural

Segundo a Portaria Iphan 127/09, constitui Paisagem Cultural Brasileira “uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores”. O patrimônio cultural é formado por bens de natureza material e imaterial, e pode-se considerar a paisagem pesqueira tradicional de Florianópolis um exemplo: os barcos de pesca, trapiches, restaurantes na beira da orla, em conjunto à prática da pesca artesanal, os saberes e memórias da população, compõem o conceito de patrimônio cultural.

Na entrevista para o Papo Cultural, o professor convidado Dalmo Vieira explica: “A paisagem cultural é aquela que a gente seleciona, as que são mais significantes, por uma razão ou por outra que, que seriam mais emergentes e que tem mais potencial para uma ação efetiva”.

patrimônio imaterial

O patrimônio imaterial existe para que se mantenham as tradições, costumes e culturas locais. Definido pelo Iphan como “os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas)”. O patrimônio imaterial, abrange de saberes tradicionais, que geralmente passam de geração a geração e correm risco de serem descontinuados. Materializam por meio de costumes, práticas e celebrações, parte do modo de vida de populações e suas histórias.

Em Santa Catarina, a pesca artesanal está registrada como Patrimônio Cultural pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC), em duas modalidades: pesca artesanal de tainhas na Praia do Campeche em Florianópolis e na Praia de Bombinhas; e a pesca tradicional com o auxílio do boto, na cidade de Laguna

Fig. 17: mar com embarcações fundeadas no Pântano do Sul. Créditos: Equipe PescArte.



Verso do tempo perdido.

“ Quando cheguei na praia,
o pescador já tinha ido.
Te espero e sigo em busca de abrigo,
que só encontro na minha aventura contigo.”

Poesia por Sara Dotta, 2020.
Fig. 18: paisagem costeira de Santo António de Lisboa.
Créditos: Patricia Turazzi.



Pântano do Sul

O Pântano do Sul fica localizado no sul da cidade de Florianópolis. Este distrito é conhecido por ter lindas praias, sendo sua orla banhada por água de coloração turquesa. Além disso, suas ondas mansas e o ar calmo da região permitiram que a cultura pesqueira se desenvolvesse na região. Essa característica fez com que a região ficasse conhecida pelas aldeias de pescadores, que fazem a alegria dos visitantes.

O Pântano do Sul foi selecionado pela Equipe PescArte, como local para ser estudado de forma mais aprofundada e para que fosse realizado o levantamento. Este lugar foi escolhido por ter a cultura da pesca artesanal em sua comunidade, de forma muito presente e definida, além de outros fatores relacionados à tecnologia escolhida para

o levantamento, que foi realizado na área em que a comunidade pesqueira da região está mais concentrada: próxima da orla e do costão, adentrando algumas quadras na comunidade.

A pesca artesanal vem acontecendo no Pântano do Sul há mais de 5000 anos. A arte da pesca, iniciada com o povo indígena que habitou a região, foi substituída ao longo do tempo por uma colônia de pescadores europeus, que deram origem aos habitantes da Praia do Pântano do Sul dos dias atuais. Famílias inteiras tiram seu sustento das redes confeccionadas manualmente e dos anzóis, lançados ao mar por pequenas embarcações de madeira.

A prática do turismo modificou diversos espaços da pesca artesanal, em Florianópolis. Os ranchos e casas de pescadores à beira da orla

abriram espaço a restaurantes. A areia que antes abrigava apenas barcos, passou a ser dividida com guarda-sóis e turistas, muitas vezes gerando conflitos. Muitos nativos que residiam próximo ao mar venderam suas propriedades, que deram espaço a casas de veraneio, e se mudaram para lugares mais afastados. Essa dinâmica se perpetuou em diversas praias de Florianópolis e também na praia do Pântano do Sul, mas de forma menos agressiva.

A pesca ainda é uma atividade muito forte na região, e nota-se no primeiro olhar antes mesmo de chegar à orla. As embarcações estão pelas calçadas, na areia da praia e fundeadas no mar. Mesmo assim, as comunidades de pescadores sofrem mudanças em suas dinâmicas se comparadas a suas formações originais. Em função do turismo, ativi-

dades econômicas foram criadas na região, como os passeios de barcos, ofertados pelos nativos durante os períodos de turismo intenso. Entretanto, a pesca ainda é praticada, e em períodos de veraneio possui boa demanda, em função do aumento do movimento em restaurantes e de compras diretas com turistas.

Fig. 19: paisagem do Pântano do sul.
Créditos: Equipe PescArte, 2020.





“ Eu vou para o mar
Navego só para o horizonte
Lá onde tudo o que se vê
É o céu se derramando no mar

Ô infinito azul
Me abraça com essa tua cor
Me transforma a toda viagem,
mas para casa sempre vou voltar
E voltei. ”

Poesia por Emanuele Nascimento, 2020.
Fig. 20: Pescador saindo para o mar. Créditos: Equipe PescArte.













referências

BITENCOURT, Neres de Lourdes da Rosa. A problemática da conservação ambiental dos terrenos de marinha : o caso da orla do canal da Barra da Lagoa, Ilha de Santa Catarina, Brasil. Florianópolis, 2005. 189 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro tecnológico.

BRAGA, P. M. Intervenções urbanas em áreas centrais históricas: paisagens particulares versus a banalização da paisagem: contradições entre a preservação do patrimônio cultural e a promoção do turismo em intervenções realizadas no Centro Histórico de Salvador e no Bairro do Recife. Tese (Doutorado). Instituto de Arquitetura e Urbanismo - 2013 Universidade de São Paulo, São Carlos, 2013.

CLARAMUNT, Maria Cristina. Configuração urbana e identidade espacial : estudo de localidades praianas na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis, 2008. ix, 126 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Departamento de Arquitetura e Urbanismo.

DAS NEVES BODART, Cristiano; SILVA, Rochele Tenório. Fabricante e remendador de redes de pesca: um olhar a partir da Etnografia Visual. ILUMINURAS, v. 16, n. 37, 2015.

DE AGUIAR, Rodrigo Luiz Simas; DE AGUIAR, Joao BS; LOPES, Paulo César Simões. A pesca artesanal na praia do Pântano do Sul, Brasil. Revista de Ciências Humanas, n. 29, p. 147-157, 2001.
GERBER, Rose Mary. Mulheres e o mar: pescadoras embarcadas no litoral de Santa Catarina, sul do Brasil. Editora da UFSC, 2015.

IPHAN. Portaria IPHAN nº 127 de 30/04/2009. Estabelece a chancela da Paisagem Cultural Brasileira.

MARCOMIN, Fátima Elizabeti and SATO, Michèle. Percepção, Paisagem e Educação Ambiental: uma investigação na região litorânea de laguna-sc, Brasil Educ. rev. [online]. 2016, vol.32, n.2, pp.159-186. ISSN 0102-4698.

PEREIRA, Neli Eugênia Costa et al. Um lugar chamado Pântano do Sul: um estudo das territorialidades do lugar chamado Pântano do Sul, município de Florianópolis, SC, no período de 1938 a 1998. 2001.

PIPPI, Luis Guilherme Aita. Considerações ambientais e paisagísticas para o planejamento urbano do Campeche - Florianópolis - SC. Florianópolis, 2004. 173 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.

PRONSATO, S. A. D. Arquitetura e paisagem – projeto participativo e criação coletiva. São Paulo: Fapesp, 2005.

ROBERT, M. C. Caracterização dos petrechos e embarcações da pesca artesanal em parte do litoral sul do Paraná, entre Guaratuba (PR) e Barra do Saí (SC). Monografia Bacharelado/Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 57p, 2001.

VIEIRA, Sidney Gonçalves. LEITURA CRÍTICA DA PAISAGEM: A Geografia e a Leitura do Mundo. Anais do Seminário de Estudos Urbanos e Regionais, 2010.



